

Questões por resolver no Megalitismo da Foz do Sever: o caso do dólmen da Charca Grande de la Regañada

■ JORGE DE OLIVEIRA¹ ■

RESUMO O estudo do Megalitismo do “xisto” na Foz do Rio Sever tem apresentado grandes condicionalismos, em parte pela sua localização fora das rotas tradicionais da investigação megalítica, pela implantação em áreas de difícil detecção muito afectadas pelo plantio de eucaliptos e também face ao seu grau de deterioração (já inerente aos dólmenes de xisto).

Com o início de trabalhos de campo sistemáticos desde os anos 80 foi possível identificar a extensão dos estragos causados pela mecanização para uso florestal, situação que se mantém até hoje. A falta de apoios nacionais levou ao alargamento do objecto de estudos à margem direita do Rio Sever, território espanhol, termo de Cedillo.

A informação actualmente disponível parece indicar uma semelhança arquitectónica entre antas de xisto e granito, com duas tipologias básicas: diferenciação de câmara/corredor, estrutura tipo saco alongado, traduzindo um reduzido volume pétreo que deveria implicar um número de mão-de-obra muito limitado (2 a 3 homens). Os espólios são consideravelmente distintos entre antas de xisto e de granito, quer em termos quantitativos (mais reduzido nos túmulos de xisto) quer em termos de presença, com a quase ausência de cerâmica, de enxós e placas de xisto nos monumentos em xisto.

A implantação é dominante, com grande visibilidade, situando-se em linhas de cumeeada. Esta realidade parece sugerir uma sociedade com pouca expressão agrícola, dominada pela pastorícia, reduzido grau de sedentarismo e de diferenciação social.

Neste quadro se situa o caso da *Anta da Charca Grande de la Regañada*, que apresenta especificidades:

1. Arquitectura: anta de câmara poligonal (9 esteios), corredor longo e átrio, com grandes dimensões.
2. Implantação: limite Este de uma plataforma;
3. Espólio: violações limitam a leitura, mas registam-se pontas de seta, lâminas, geométricos, oito recipientes cerâmicos, contas de colar.

ABSTRACT The study of the schist megaliths at the mouth of the Rio Sever has presented large problems, due to their location outside the traditional areas of megalithic studies, by their placement in areas which are difficult to detect and which are very much affected by the planting of eucalyptus, and because of their level of deterioration (inherent in schist dolmens).

With the beginning of systematic fieldwork in the 1980s, it has been possible to identify the extent of the damages caused by mechanization in forestry, a situation which continues to today. The lack of national support forced the expansion of the object of study to the right bank of the Rio Sever, in Spanish territory, in the *termo* of Cedillo.

The currently available information appears to indicate an architectonic similarity between dolmens of schist and of granite, with two basic types: a differentiation between the chamber/passage, a structure of the elongated sack type, and a reduced lithic volume which should imply a small labor pool (2-3 people). The remains are considerably distinct between the dolmens of schist and granite, both in quantitative terms (more reduced in the schist burials) as well as in terms of the presence of adzes and slate plaques in the monuments of schist, with the almost total absence of ceramics in both. Their placement along mountain peaks dominates the landscape, and they have a high degree of visibility. This reality might suggest a society with little agriculture, which was dominated by herding, and which was characterized by low levels of sedentism and social differentiation.

Within this context is situated the case of *Anta da Charca Grande de la Regañada*, which has these specific characteristics:

- 1: Architecture: a polygonal chamber (9 stelae), a long corridor and an atrium of large size.
2. Location: at the eastern limit of a platform
3. Artifacts: thefts of the grave goods limit our interpretation, but there have been found arrowheads, geometric bladelets, 8 ceramic

Cerâmica, pedra polida e elementos de mó indicam actividades agrícolas. A situação detectada poderá traduzir um diferente patamar cronológico face aos pequenos monumentos de xisto ou então corresponder ao espaço sepulcral de uma pequena elite local.

vessels, and beads. The ceramics, polished stone, and grinding stone indicate agricultural activities. The remains found either suggest a different chronological stage from the small schist monuments, or could correspond to the burial of a small local elite.

Com a publicação dos volumes *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel* e, sobretudo, do volume *Der Westen*, ficou acessível à comunidade científica arqueológica portuguesa um conjunto inigualável de informação sobre o megalitismo do Sul. Mas a dificuldade no domínio da língua alemã terá levado a que à maioria dos investigadores tivesse passado despercebida a presença de estruturas funerárias obtidas, maioritariamente, em xisto e de muito reduzidas dimensões.

Estas estruturas, porque muito mais frágeis do que os vulgares dólmenes, chegaram, na sua maioria, ao tempo em que o Casal Leisner prospectava o Alentejo já muito destruídas. Esse elevado grau de destruição é bem patente das plantas e fotografias registadas pelo casal. Se observarmos com alguma atenção esses levantamentos, ainda que parciais, devido à elevada deterioração dos monumentos, verificamos que Georg e Vera Leisner os descreveram, maioritariamente, como câmaras fechadas, ou sem diferenciação, quer em planta, quer em alçado, entre a câmara e o corredor. Seriam, assim, na sua maioria, associáveis ao grupo das chamadas cistas megalíticas.

As suas reduzidas dimensões e a sua localização fora das rotas tradicionais de investigação sobre o megalitismo levaram-nas a um quase total esquecimento por parte da comunidade científica. A par desta deslocação para longe dos grandes eixos de investigação, a sua localização na paisagem não era, igualmente, fácil. Implantadas em solos de xisto, quase esqueléticos, devido às fortes campanhas cerealíferas promovidas pelo Estado Novo, encontram-se, maioritariamente, ocultas por manchas impenetráveis de estevas em campos sem interesse agrícola.

Nos finais dos anos setenta com a chegada das campanhas de plantação de eucaliptos, enormes áreas até aí completamente abandonadas começam a ser esventradas por poderosas máquinas que a par de limparem os campos de estevas acabam por destruir o que restaria destes frágeis monumentos megalíticos.

É nos inícios dos anos oitenta, com a criação do Serviço de Arqueologia da Zona Sul, dirigido pelo saudoso Caetano Beirão, que somos incumbidos de acompanhar as movimentações de solos para plantação de eucaliptos na margem esquerda do Tejo e, especialmente, junto à foz do Sever, em terras do concelho de Nisa. Servem-nos de suporte informativo o *corpus* de Georg e Vera Leisner e os levantamentos de Francisco Henriques e João Caninas. Com base nessa informação rapidamente nos apercebemos que daquele denso conjunto megalítico pouco havia restado após a passagem das máquinas de regularização de solos. Dos cerca de vinte monumentos que foram afectados, apenas conseguimos apoios para intervir em dois: Padre Santo e Fonte da Pipa. Posteriormente, e com base em informações que as terras do Monte da Lomba da Barca iriam, igualmente, ser eucaliptadas, procedemos ao estudo prévio do monumento situado a escassas duas centenas de metros para norte do monte. Paralelamente aos trabalhos de escavação e salvamento, procedemos a campanhas de prospecção naquela zona do concelho de Nisa, verificando-se, então, que o número de monumentos afec-

tados chegava aos trinta, ou seja, apenas a Anta da Salgueirinha, tinha conseguido resistir às máquinas, ainda que com alguns esteios fracturados.

Das intervenções desenvolvidas nestes três monumentos verificámos que qualquer deles apresentava, originalmente, uma câmara poligonal regular e um corredor bastante alongado, com clara diferenciação com a respectiva câmara, quer em alçado, quer em planta.

Dos levantamentos realizados por Georg e Vera Leisner apenas a anta da Salgueirinha apresentava corredor e se atendermos à planta apresentada, tratar-se-ia de um corredor longo. Do corredor desse monumento já não vimos sinais nos inícios da década de oitenta, e em trabalhos de realocação efectuados em 2000 já não conseguimos identificar esta anta. Os recentes trabalhos de corte de eucaliptos poderão ter destruído o que ainda restava deste monumento.

A ausência de apoios em Portugal para continuar a investigar e a salvar o que restava deste importante conjunto funerário megalítico da margem esquerda da foz do Sever, levou-nos a iniciar um projecto de localização, estudo e salvamento na margem espanhola do mesmo rio. Com paisagem idêntica, mas intacta, ainda que densamente coberta por estevas, localizamos na área do Termo Municipal de Cedillo trinta e dois sepulcros megalíticos de características arquitectónicas muito semelhantes às que teriam existido, se atendermos à bibliografia, na margem portuguesa. Dessa trintena de monumentos procedemos, até agora, a trabalhos nos seguintes sepulcros: Joaninha, Era de los Guardas, Sevillana, Quatro Lindones e encontra-se em fase de estudo o grande monumento da Charca Grande de la Regañada.

Com base nas informações recolhidas nos sepulcros estudados até ao início do trabalho que actualmente decorre na Charca Grande de la Regañada, publicámos alguns textos onde tentámos sistematizar algumas reflexões que se prendem com locais de implantação, arquitectura, espólios, datações de radiocarbono e, sobretudo, com prováveis contextos sócio-económicos dos construtores destes sepulcros.

Sintetizando, temos vindo a afirmar:

1. Com base nas datas de radiocarbono obtidas para as duas amostras recolhidas na anta Joaninha, pelo menos, este sepulcro, será contemporâneo da maioria de dólmenes de granito conhecidos nos concelhos de Marvão e Castelo de Vide.
2. Os monumentos de xisto até agora escavados e aqueles que se encontram em melhor estado de conservação e que possibilitam um registo gráfico, minimamente seguro, apontam para plantas idênticas aos conhecidos obtidos em granito, mas com dimensões substancialmente menores.
3. Os conjuntos artefactuais evidenciam particularidades que afastam os sepulcros de xisto dos de granito. Naqueles reconhece-se, ou a completa ausência, ou a muito reduzida presença de materiais cerâmicos. De entre os materiais líticos evidencia-se a quase total ausência de enxós. Os machados conhecidos, são maioritariamente de secção quadrangular, gumes estreitos e apresentam um elevado índice de alongamento. Desconhece-se a presença de placas de xisto decoradas, ou não. Apenas estão presentes dois exemplares de placas em arenito, rectangulares, sem decoração gravada. Os materiais em sílex, ainda que em número muito reduzido, traduzem-se em lâminas não retocadas, geométricos trapézoidais, e pontas de seta de base simples, ou convexa. Os elementos de adorno, ainda que raros, estão representados por contas discóides e pendentes em xisto. Em todos os sepulcros até agora escavados registou-se sempre a presença de blocos de xisto, informes, decorados com pequenas covinhas.

4. As estruturas funerárias apresentam, em planta, duas variantes: câmara e corredor diferenciados e estrutura em forma de saco, mais, ou menos alongado. A possibilidade de ocorrerem estruturas funerárias de forma oval fechada, ainda não foi confirmada por escavação. Os registos deste tipo de sepulcros, efectuados à superfície não foram, até ao presente confirmados por escavação. Todos os monumentos apresentam um *tumulus*, constituído por blocos de xisto e quartzo, diminuindo a presença deste à medida que a mamoa se aproxima da base. Assim, o revestimento externo da colina tumular deverá ter sido, originalmente, composto por blocos de quartzo leitoso. O piso funcional dos espaços funerários tanto se registam a baixo da cota natural do terreno, como ao mesmo nível. A base dos monumentos apresenta tres tipos diferentes de preparação: lajeado, rocha regularizada e piso de argila compactada sobre rocha irregular. A orientação da abertura dos sepulcros é, maioritariamente, a 90°, apresentando pequenos desvios para Norte e Sul que não ultrapassam os 10°. De todos os monumentos conhecidos apenas o sepulcro da Sevillana apresenta uma cobertura *in situ*. Nos sepulcros, até agora escavados, apenas os que possuem uma clara diferenciação, em planta, entre câmara e o corredor, poderemos falar da presença de um esteio de cabeceira. Assim, na sua maioria, apresentam múltiplos pequenos esteios delimitadores do espaço funerário. Os corredores, quando claramente definidos, ou as sepulturas em forma de saco, possuem galerias de acesso, mais, ou menos longas, mas todas nitidamente simbólicas. Esta leitura advém, da diminuta altura funcional dos esteios na zona de acesso. A distância ao solo, na maioria das vezes é inferior a vinte centímetros, tornado impraticável qualquer acesso humano.

5. De entre os mais de sessenta sepulcros de xisto conhecidos na foz do Sever, tanto na margem portuguesa, como na margem espanhola, apenas se conhecem dois casos (Tierra Caída I e II) que não foram construídos em locais de grande visibilidade. Na enrugada orografia da foz do Sever as principais linhas de cumeada foram os locais eleitos para a implantação dos sepulcros megalíticos. A par desta franca visibilidade o seu revestimento a blocos de quartzo leitoso torna-os bem evidentes na paisagem, sobretudo quando com humidade o quartzo se torna brilhante.

6. As dimensões médias dos esteios que formam estes sepulcros, que, raramente, ultrapassam os cento e cinquenta quilos torna-os de fácil montagem. Dois a três homens conseguiriam construir, com alguma rapidez qualquer destas sepulturas. Casos há, como o da Era de los Guardas, cujos esteios são tão pequenos que, qualquer pessoa os conseguiria movimentar.

7. Com base nestas observações temos vindo a tentar compreender os contextos sócio-económicos dos construtores destes sepulcros. Atendendo às características actuais dos solos, sobretudo do lado espanhol, que não serão, substancialmente, diferentes dos que foram pisados pelos construtores de megálitos, não será difícil de adivinhar que uma economia assente na agricultura terá que estar, seguramente, posta de parte. Terras secas, fortes pendentes e vales muito encaixados não seriam, face à tecnologia agrícola da época, utilizados para a agricultura, nem mesmo na expressão de pequena dimensão, a que poderemos apelidar de horticultura. Se excluirmos algum vale mais aberto com maior potência de terra, a paisagem desta zona é marcada pelas *lomas* secas, povoadas aqui e além por uma sobreira, ou uma azinheira e por um manto de estevas que cobre

as áreas onde os rebanhos já não se atrevem. Os dois rios, Tejo e Sever, que correm lá no fundo, marcaram e marcam a paisagem e o comportamento das gentes. Tal como ainda hoje, a economia desta região assentou na exploração da pastorícia e nos recursos que os rios facultavam. As constantes deambulações destas gentes atrás dos seus rebanhos, procurando as melhores pastagens, inviabilizavam uma efectiva sedentarização. Resultam, assim, sociedades menos organizadas e com menor coesão, e com menor número de excedentes, incapazes de congregar o número suficiente de membros para o corte, transporte e, sobretudo, erecção de grandes sepulcros, formados por pedras de várias toneladas, como as que estruturam os dólmenes das zonas graníticas, situadas a uma dezena de quilómetros para sul. Embora de dimensões, singularmente menores, a densidade destes sepulcros por quilómetro quadrado é incomparavelmente superior ao índice registado nos solos graníticos da Serra de S. Mamede. Estaremos, assim, em presença de uma sociedade mais igualitária, onde, provavelmente, todos os membros da comunidade teriam direito a ser tumulados de igual forma e com o mesmo ritual. Esta constatação resulta ainda mais clara quando observamos os conjuntos artefactuais. A ausência de objectos de prestígio e o diminuto aparato de oferendas parece revelar uma economia não muito desafogada. A ausência de objectos de contenção em cerâmica parece reforçar a leitura de que os construtores destes megálitos seriam, maioritariamente, pastores. Estes, ainda hoje, preferem os contentores feitos de cortiça, pele ou corno, porque mais resistentes ao choque do que vasilhame de cerâmica. Se os mortos dos construtores de megálitos se fizeram acompanhar por aqueles objectos de contenção a matéria em que foram feitos não chegaria até nós.

Foram estas, em linhas gerais, as leituras que tentámos fazer com base na informação disponibilizada pelo estudo de vários monumentos até iniciarmos a escavação da anta da Charca Grande de la Regañada.

Mesmo antes de iniciarmos o estudo deste monumento, tínhamos clara dificuldade em transpor este modelo sócio-económico que com facilidade se aplica à foz do Sever para outros locais onde ocorrem monumentos semelhantes em xisto. Os casos concretos dos pequenos monumentos de xisto situados no concelho de Portalegre, a curta distância das grandes antas de granito do Monte do Campino, as antas de xisto de grandes dimensões localizadas nas imediações de Alcântara, os sepulcros de xisto, situados no concelho de Alter do Chão, os dólmenes de xisto de grandes dimensões nas imediações dos abrigos com arte rupestre da Esperança, ou as que se localizam próximo de Montargil, a escassas centenas de metros do recinto megalítico do Alminho, parecem não poder ser justificadas com economias idênticas às que produziram as da foz do Sever.

Quando iniciámos os trabalhos de escavação da Anta da Charca de la Regañada, rapidamente nos apercebemos que este sepulcro, ainda que a menos de trezentos metros, quer do de Quatro Lindones, quer do da Era de los Guardas, era completamente diferente destes, tanto pelas dimensões como pela forma construtiva e também pela sua localização. Estas dissemelhanças alargaram-se quando começamos a registar a ocorrência de fragmentos de cerâmica. Estes fragmentos, ainda que não muito numerosos, ocorrem tanto na câmara como no corredor.

O dólmen da Charca Grande de la Regañada, ainda que não totalmente escavado, evidencia uma câmara poligonal regular, com diferenciação do esteio de cabeceira e um corredor longo, em frente do qual parece desenhar-se um átrio. A câmara possui um diâmetro interno máximo de três metros e é formada por nove esteios. O corredor apresenta um comprimento, até ao provável átrio, de quatro metros e uma largura máxima de cento e vinte

centímetros. Trata-se, sem dúvida de um monumento de grandes dimensões quando comparado com a generalidade dos sepulcros até agora estudados nesta região. Se o compararmos com o sepulcro que mais próximo se situa, o da Era de los Guardas, o mais pequeno até agora escavado, que apresenta um comprimento total inferior a 150 cm, poderemos ser levados a concluir que se trata de construções que nada têm em comum. Igualmente, do ponto de vista construtivo, a dólmen da Charca Grande de la Regañada, apresenta-se, maioritariamente, implantado abaixo da linha de terra, ainda que esta esteja levemente alteada pelo que resta do *cairn* estruturante do espaço funerário. O único esteio da câmara que se apresenta intacto, porque tombado para o interior, possui uma altura de cerca de cento e oitenta centímetros e uma largura máxima de cento e dez centímetros, pesando mais de uma tonelada. O esteio de cabeceira, mais largo e mais grosso, encontra-se fracturado na parte superior, permitindo, contudo, estimar um peso que rondaria a tonelada e meia. Ao contrário de todos os outros monumentos, o da Charca Grande de la Regañada não se implanta do topo de uma linha de cumeada, mas sim no limite Este de uma larga plataforma, dando vistas para um curso de água, actualmente sazonal, sobre a qual foi construída a charca que lhe dá o nome.

O espólio até agora recolhido neste monumento é em número bastante reduzido, para o que, seguramente, teria acolhido originalmente. Ao longo da escavação facilmente se detectou que todo o sepulcro foi, em época muito recuada, profundamente violado. Os escassos materiais, relativamente às dimensões do dólmen, até agora encontrados, localizavam-se junto à base dos esteios sobre o nível de argila compactada que revestia a rocha de base. Identificaram-se, até ao momento, dezasseis pontas de seta, todas em sílex, quinze de base convexa e uma de base côncava, quatro lâminas em sílex de bordos retocados, dois geométricos, três machados de pedra polida, oito recipientes de cerâmica, distribuídos pelas seguintes formas: um com carena muito acentuada e baixa, um pequeno globular, com o bordo levemente extrovertido, um de paredes rectas e fundo levemente convexo, dois hemisféricos, três taças abertas. Registaram-se, ainda seis contas de colar, cinco discóides e uma bicónica em pedra verde, três elementos de mó — dormentes, um dos quais de dupla face. Para além destes materiais registaram-se, também, três blocos de xisto informes com presença de covinhas.

Pelos materiais acima descritos e, igualmente, pelas dimensões do sepulcro poderemos estar em presença de outra realidade, até agora ainda não detectada nesta região.

Não querendo, por agora, e apenas com base neste monumento, desmontar toda a construção teórica anteriormente formulada ele coloca-nos, de novo, algumas questões.

Observando as dimensões do monumento, rapidamente nos apercebemos que, para a sua construção, era necessário um número de homens, significativamente superior aos que construíram qualquer dos outros sepulcros conhecidos.

A presença de artefactos de cerâmica em número tão significativo, quando comparado com o dos restantes materiais, parece indiciar a presença de comunidades mais ligadas à agricultura e portanto mais sedentárias. Igualmente, os artefactos de pedra polida que ocorrem neste sepulcro, ainda que na ausência de enxós, apresentam um gume largo, afastando-se das formas conhecidas na região.

A presença de elementos de mó, de médias dimensões, e uma delas com dupla face funcional, parece corroborar a evidência de actividades agrícolas continuadas na zona.

A implantação do espaço funerário numa das poucas zonas aplanadas, sobranceiro a um curso de água e nas imediações de uma das raras baixas com aproveitamento agrícola, poderá reforçar a interligação dos construtores deste sepulcro com actividades agrícolas. Recorde-se que o Dólmen da Charca Grande de la Regañada se localiza a cerca de 300 m de uma das poucas casas agrícolas da região.

Distancia-se, assim, este monumento do esquema interpretativo anteriormente formulado para os monumentos conhecidos. Defendemos, até agora, que os outros sepulcros teriam sido construídos por comunidades de pastores, será que este resulta de uma comunidade de gentes que se dedicavam, maioritariamente, à exploração da terra? Ou será que estamos em presença de um monumento de construção mais tardia? As cerâmicas identificadas apontam para fases finais do Neolítico, sobretudo o vaso de carena baixa, saliente. A presença de uma ponta de seta de base côncava, ou introvertida, parece secundar o posicionamento cronológico proposto para as cerâmicas. Igualmente, a conta de pedra verde, bicônica, aponta nesse sentido. Tudo parece, então, indicar para que este monumento fosse de construção posterior aos anteriormente estudados. Contudo, se atendermos ao inter-posicionamento deste sepulcro em relação aos conhecidos na região, verificamos que ele se encontra rodeado por pequenos túmulos megalíticos com espólios muito pobres. Perante esta situação poderemos, igualmente, ser levados a colocar a hipótese de que todos os túmulos são contemporâneos e revelam, acima de tudo, a existência de uma sociedade hierarquizada, onde a acumulação de excedentes se expressa por diferentes graus de investimento na casa dos mortos. Teremos aqui a resposta para a questão, que tantas vezes se colocou em relação à desproporção existente entre o número de homens necessários à construção dos grandes monumentos e número de tumulados? Teremos aqui em Cedillo a evidência do túmulo da elite local, ligada à exploração da terra, detentora de excedentes e no entorno pequenos e pobres espaços funerários onde foram tumulados os que não pertenciam ao grupo social dominante?

Será esta, igualmente, a explicação para a existência, por exemplo em Arronches, em Alter do Chão, no Crato, em Portalegre e noutros locais, de um sepulcro de granito de grandes dimensões e nas imediações pequenos sepulcros?

Dúvidas e mais dúvidas, questões atrás de questões se colocam para esta e para todas as outras manifestações megalíticas. O importante e o obrigatório é continuar a investigar e ter a coragem necessária para rever, sempre que necessário, as teses anteriormente construídas.

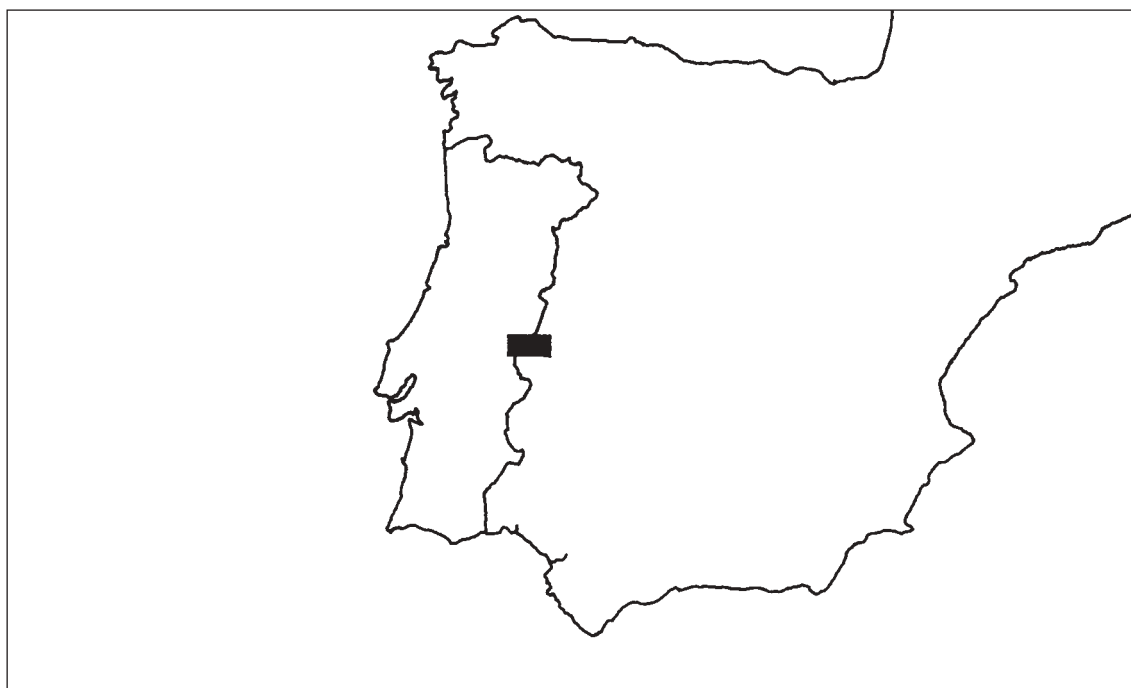


FIG. 1 – Localização da bacia hidrográfica do Rio Sever.

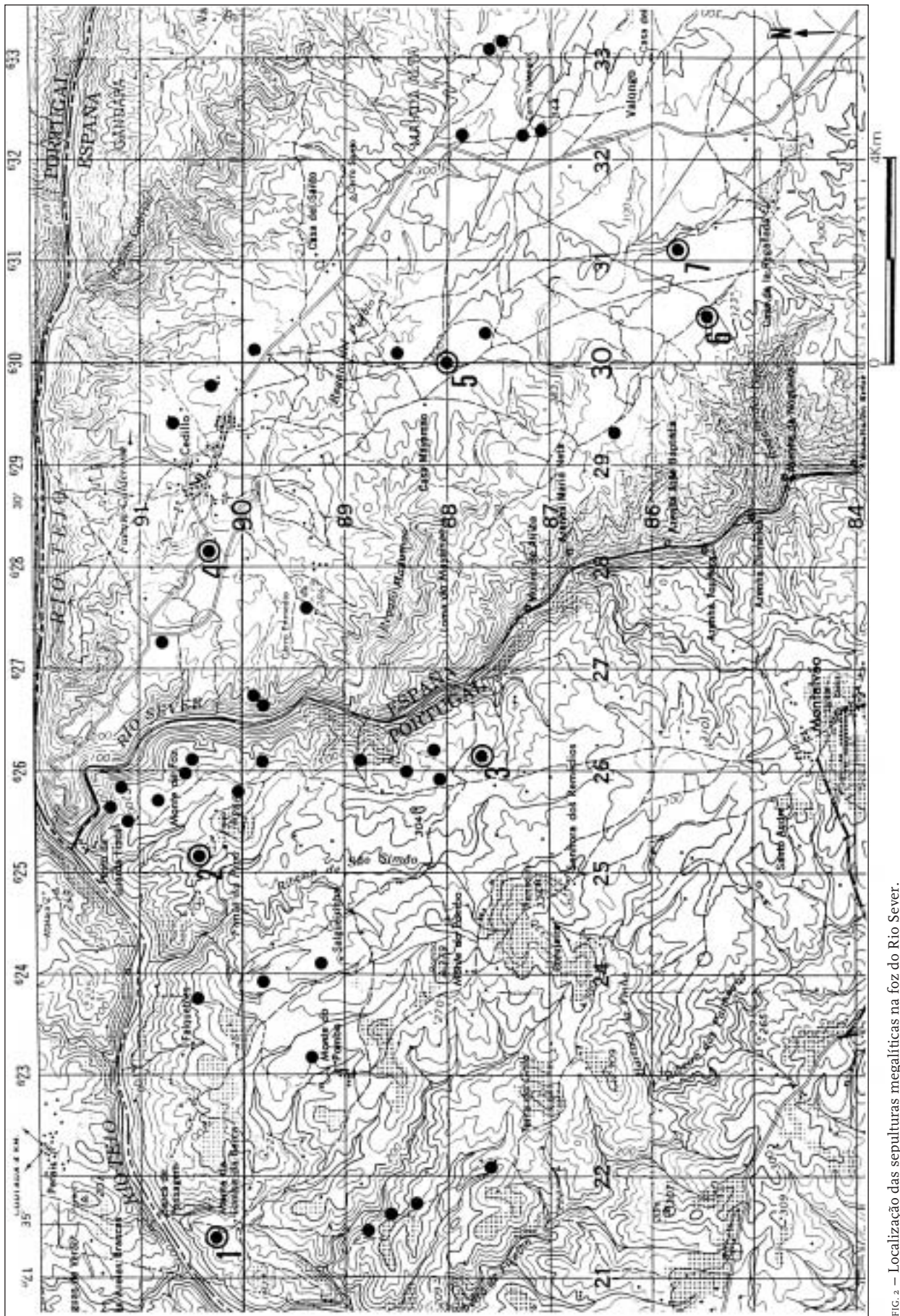


FIG. 2 – Localização das sepulturas megalíticas na foz do Rio Sever.

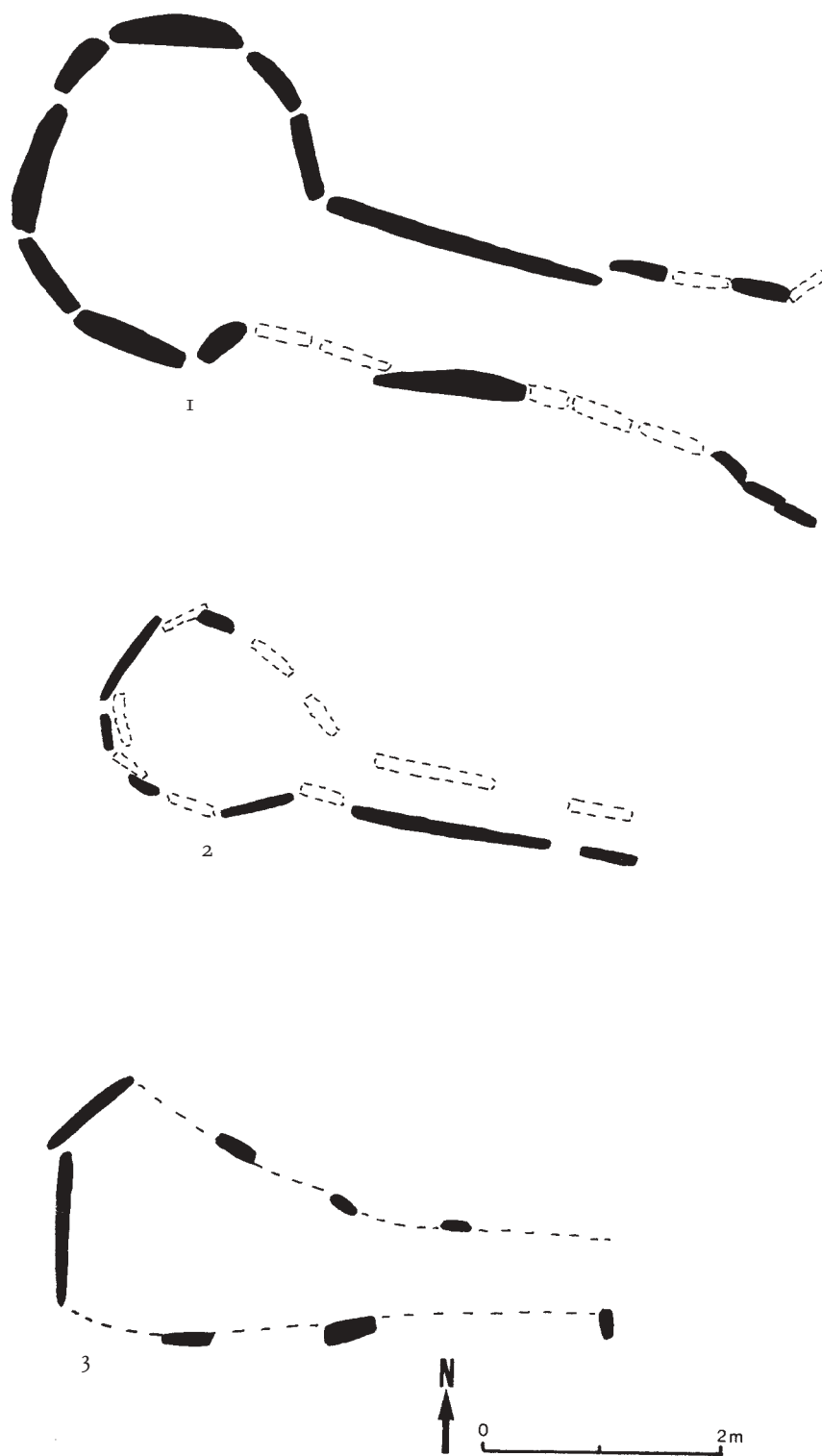


FIG. 3 - 1 - Planta da Anta da Tapada de Matos (Castelo de Vide); 2 - Planta de Anta da Fonte da Pipa (Nisa); 3 - Planta da Anta da Nave do Padre Santo (Nisa).

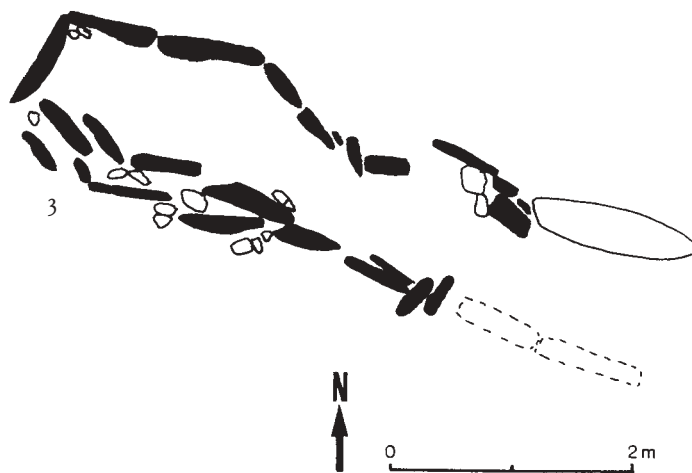


FIG. 4 – I - Planta da Anta da Joaninha (Cedillo); 2 - Planta da Anta dos Quatro Lindones (Cedillo); 3 - Planta da Anta da Era de los Guardas (Cedillo).

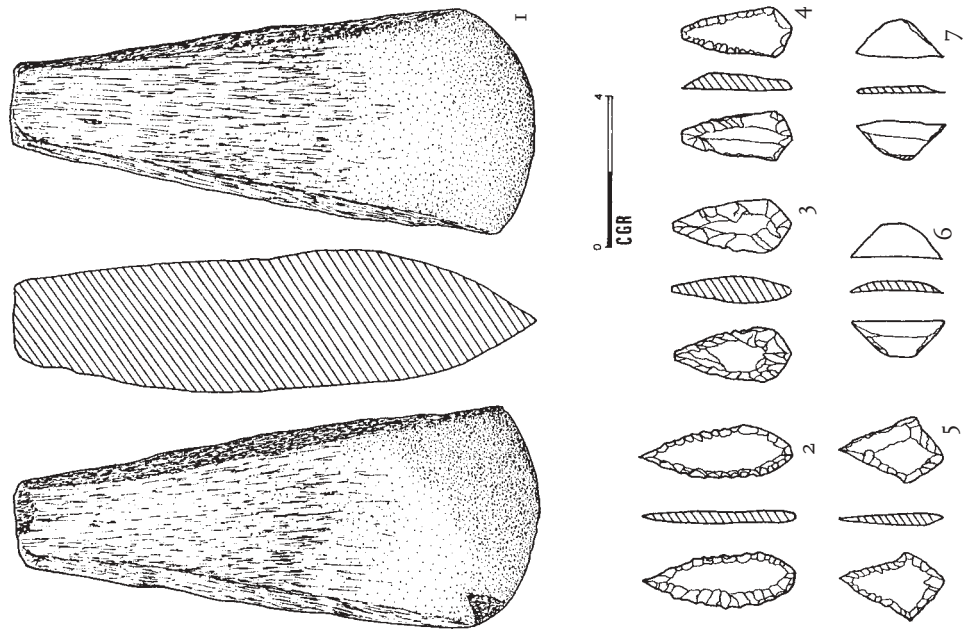


FIG. 5 – Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

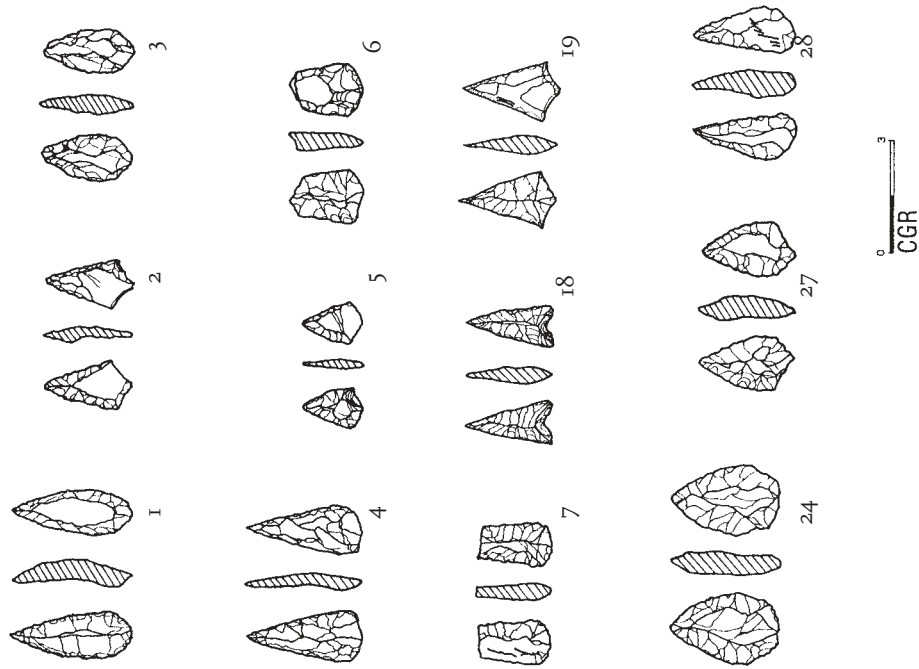


FIG. 6 – Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

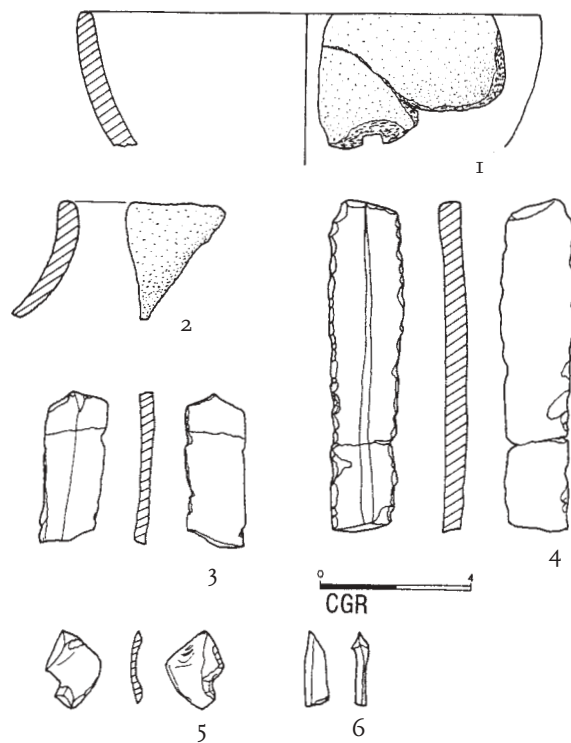
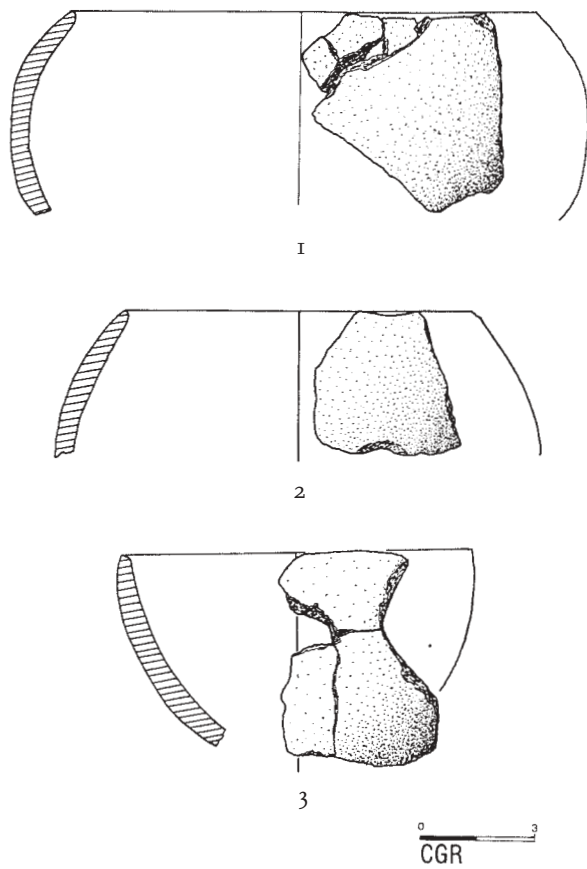


FIG. 7 e 8 – Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

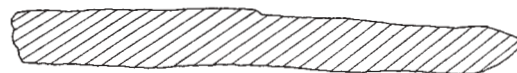
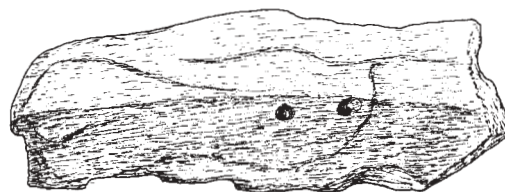
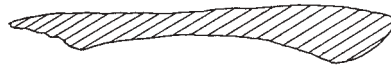
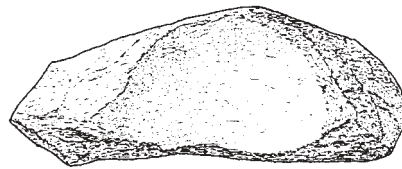
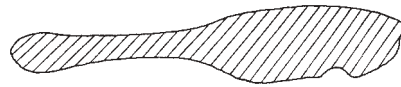
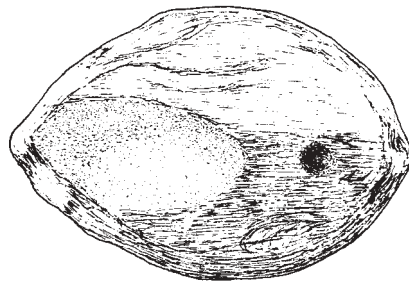


FIG. 9, 10 e 11 – Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

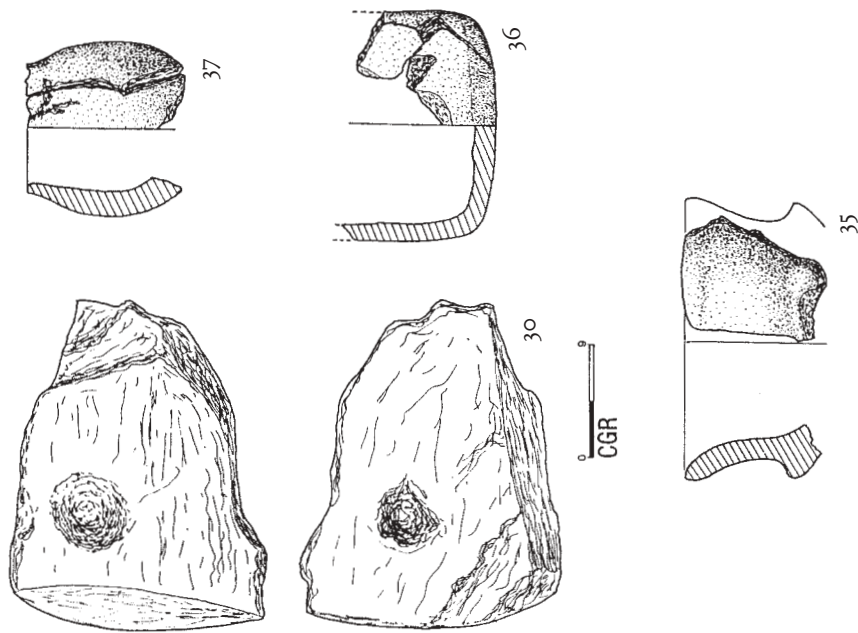


FIG. 13 – Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

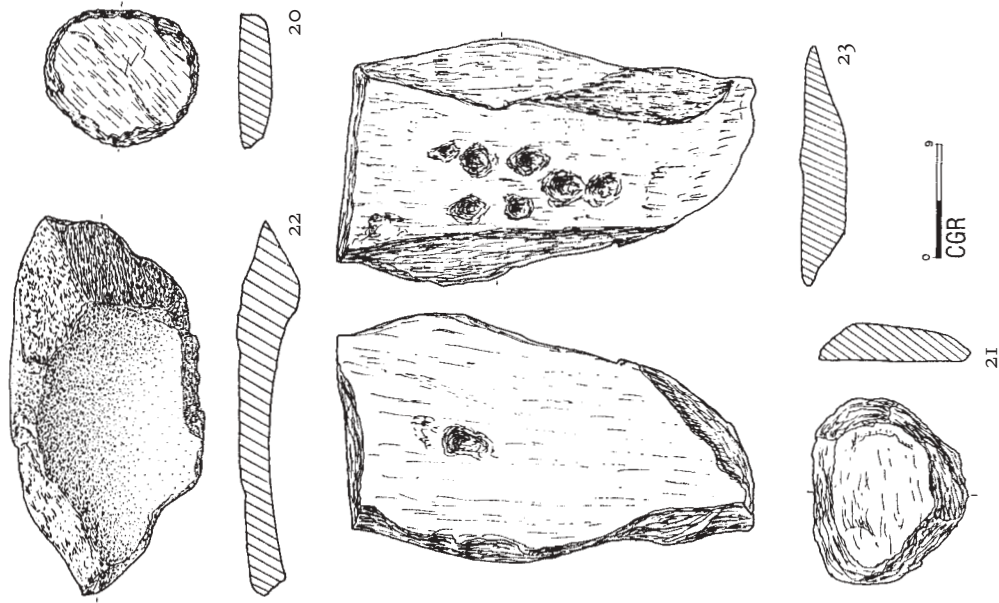


FIG. 12 – Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

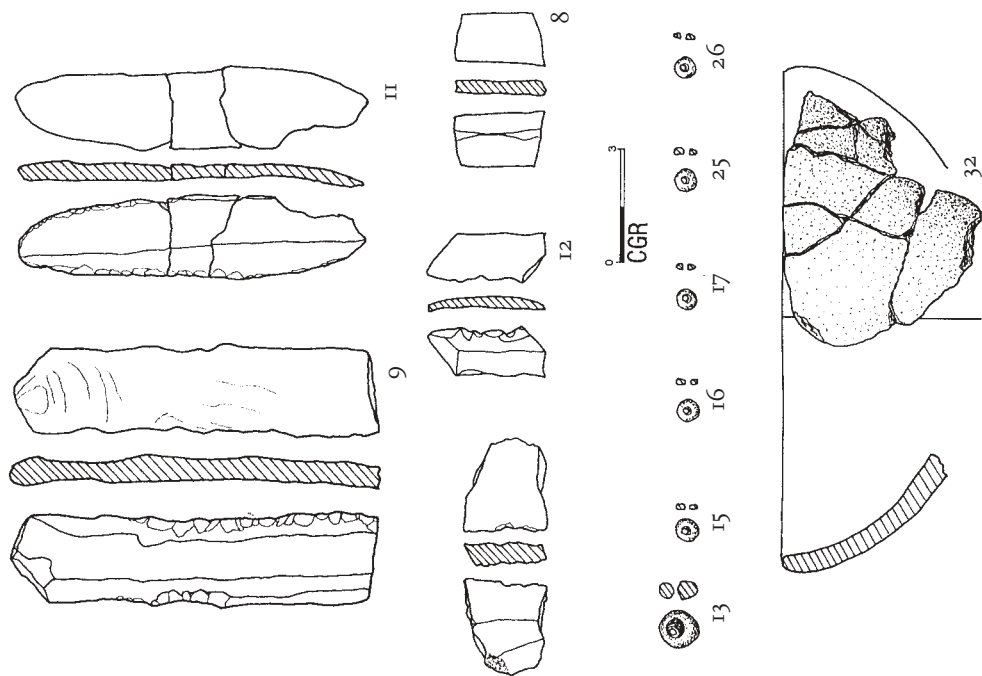


FIG. 15 — Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

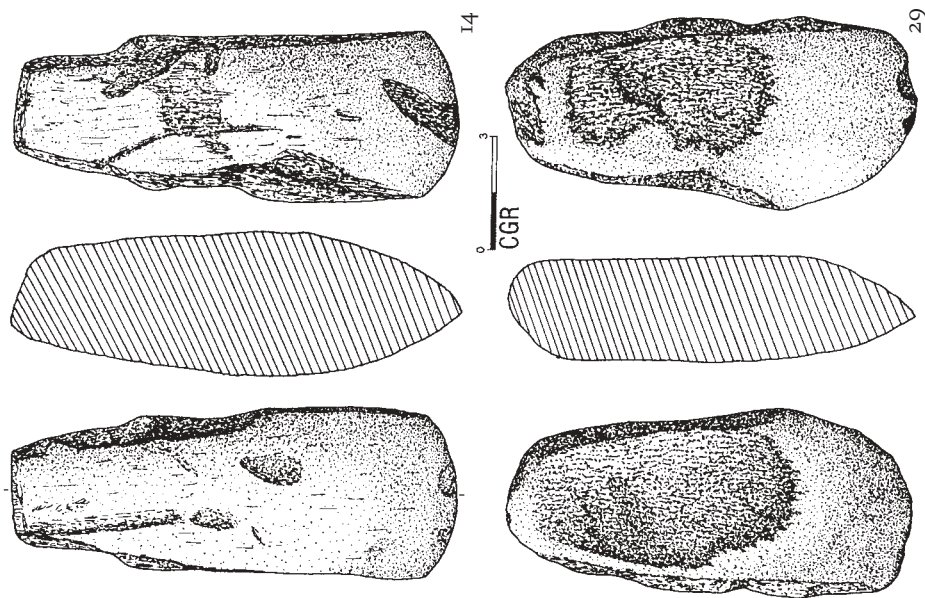


FIG. 14 — Materiais da Anta da Charca Grande de la Regañada (Cedillo).



FOTO 1 – Anta da Charca Grande de la Regañada vista de nascente.



FOTO 2 – Anta da Charca Grande de la Regañada vista de ponte.



FOTO 3 – Anta da Charca Grande de la Regañada vista de norte.

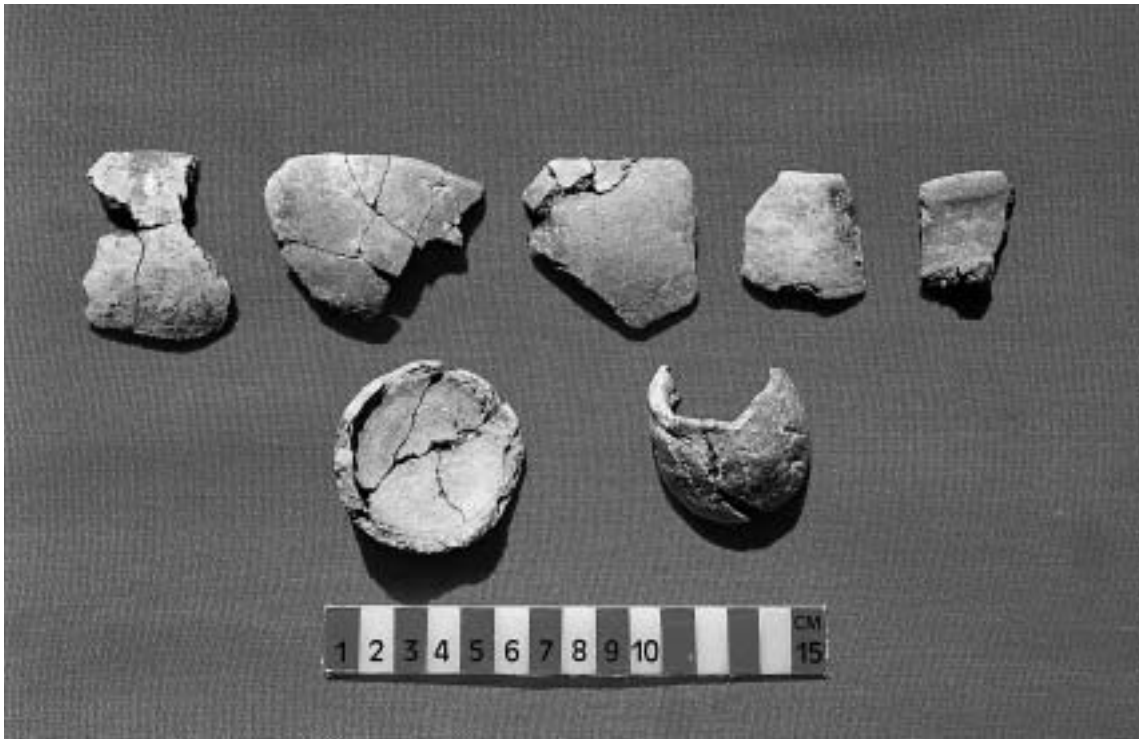


FOTO 4 – Anta da Charca Grande de la Regañada – materiais cerâmicos.

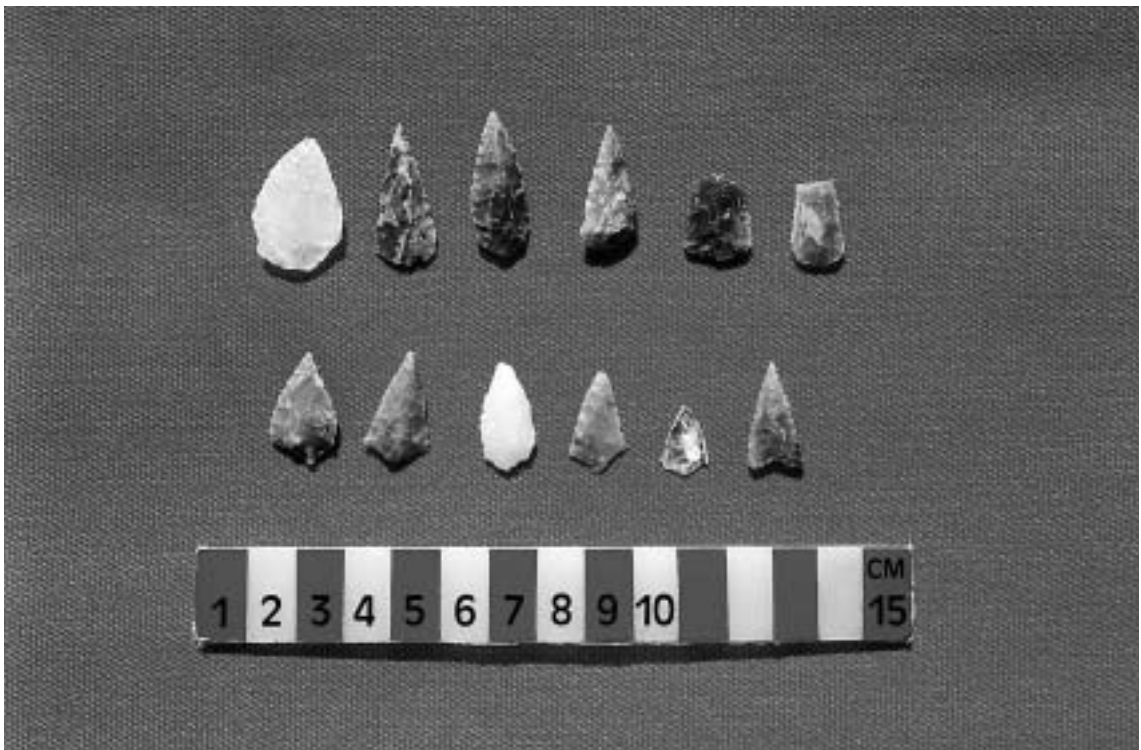


FOTO 5 – Anta da Charca Grande de la Regañada – pontas de seta.

¹ Universidade de Évora

BIBLIOGRAPHIE

- BALBÍN BEHRMANN, R.; BUENO, P. (1989) - Arte megalítico en el Suroeste: El grabado del dolmen de Huerta de las Monjas (Valencia de Alcántara). In *XIX Congreso Nacional de Arqueología, Castellón, 1987*. Zaragoza, 2, p. 237-247.
- BUENO, P.; BALBÍN BEHRMANN, R. [et al.] (1998) - Sepulcros megalíticos en el Tajo: Excavación y restauración de dólmenes en Alcántara, Cáceres, España. *Ibn Maruán*. Marvão, 8, p. 135-182.
- MUÑOZ CARBALLO, G. (1983) - Menhires de Valencia de Alcántara. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid, 17, p. 38-46.
- OLIVEIRA, J. (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*, Lisboa: Colibri. 2 vol.
- OLIVEIRA, J. (1998) - Antas e menires do Concelho de Marvão. *Ibn Maruán*. Marvão, 8, p. 13-48.
- OLIVEIRA, J. (1998) - A Anta da Joaninha e a da Era de los Guardias (Cedillo – Cáceres) no ambiente megalítico da foz do Sever. *Ibn Maruán*. Marvão, 8, p. 203-246.
- OLIVEIRA, J. (1999) - Arte rupestre na Serra de S.Mamede. *Ibn Maruán*. Marvão, 8.
- OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, C. (2000) - Continuidade e rupturas do Megalitismo no distrito de Portalegre. In *Actas do 3º Congresso Peninsular de Arqueologia*.
- OLIVEIRA, J. (2000) - Economia e sociedade dos construtores de megálitos da Bacia do Sever. In *Actas do 3º Congresso Peninsular de Arqueologia*.
- OLIVEIRA, J. (2000) - *O megalitismo do Guadiana*. Porto: ADECAP, p. 429-443.
- OLIVEIRA, J. (2000) - Inventario, investigación y puesta en valor de los dólmenes: término municipal de Cedillo. In *Extremadura restaurada*. Mérida: Consejería de Cultura y Patrimonio de la Junta de Extremadura.
- OLIVEIRA, J. (1999-2000) - A Anta II de S. Gens – Nisa. *Ibn Maruán*. Marvão, 9, p. 181-238.
- OLIVEIRA, J. (1999-2000) - A Anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide. *Ibn Maruán*. Marvão, 9, p. 239-261.
- OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, C. D. (no prelo) - Menires do Distrito de Portalegre. *Extremadura Arqueológica, Número Especial de Homenagem a Elias Diéguez*.